

Escola Técnica Federal de Santa Catarina: Espaço Geográfico e Espaço Social¹

Ms. Fernando Gonçalves Bitencourt²

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir a escola, e neste estudo de caso em especial a Escola Técnica Federal de Santa Catarina, como Espaço Social (Bourdieu, 1997). O argumento é o de que, estas instituições, por diferentes aspectos, tendem a reproduzir, enquanto Espaço Geográfico reificado, o Espaço Social. A partir de um amplo questionário sócio-econômico realizado com os alunos da ETFSC, traço contornos gerais do “capital econômico” e do “capital cultural” (Bourdieu, 1997) da família destes. Associando a estas informações a idéia de Projeto (Velho, 1987), construo um quadro em que, por questões estruturais da instituição e por características sócio-culturais dos diferentes sujeitos, a Escola tende a servir a uma camada da população ao qual a estrutura do capital e o “campo de possibilidades” (Velho, 1987) se adequa, reproduzindo o Espaço Social. Assim, se faz necessário refletir sobre os limites e possibilidades da educação em instituições públicas de ensino.

Abstract: This article aims to discuss the school, and, in this particular study, the Escola Técnica Federal de Santa Catarina, as a Social Space (Bourdieu, 1997). The argurment is that these institutions, in different aspects, tend to reproduce the Social Space, as a structured Geographic Space. Based on an ample social-economic questionnaire, answered by the students of ETF-SC, I draw general lines of the “economical capital” and “cultural capital” (Bourdieu, 1997) of their families. Associating these data to the idea of Project (Velho,1987), I build a picture in which, due to the institution’s structural matters and to social and cultural characteristics of the different subjects, the Escola tends to to be used by a population layer in which the structure ofthe capital and the “field of possibilities”(Velho 1987) fit in, reproducing the Social Space. Thus, the reflection about the limits and possibilities of education in teaching public institutions becomes necessary.

¹ Elaborado a partir da dissertação de mestrado defendida em agosto de 1999: A Cultura Esportiva na Escola Técnica Federal de Santa Catarina: reprodução, inversão e transformação.

² Professor da ETF-SC / Unidade de Ensino Descentralizada de São José.

1. Notas Preliminares:

Refletir sobre a escola é sempre um exercício fascinante e que, como no poderia deixar de ser, requer extremo cuidado e atenção. Tal empresa fascina devido à complexidade da tarefa. Se, por um lado, as escolas têm entre si uma identidade inalienável que as caracteriza como instituição ímpar no seio da sociedade moderna é de se notar, por outro, que guardado o que as identifica, cada escola é sempre particular, única. É um espaço com características próprias, mas que claramente evidencia - pela sua estruturação, ordenação e funções - sua similaridade com outras instituições de ensino sem, todavia, perder sua especificidade: é sempre uma escola *sui generis*.

Neste artigo, pretendo demonstrar, apoiado nas idéias de Espaço Social e Espaço Físico (Bourdieu, 1997 a) a Projeto (Velho, 1987) como a ETFSC³ em particular e a escola de modo geral, tende a reproduzir as estruturas hierarquizadas da sociedade. A Escola, deste modo, esquadrihada (Foucault, 1997), colabora na realização do sistema de classificação adotado em nossa cultura, aqui entendida como um sistema de símbolos entrelaçados e seus significados que orienta a vida das pessoas (Geertz, 1989).

2. Espaço Físico e Espaço Social:

Entendo, inicialmente, a partir de Bourdieu (1997b), que as representações simbólicas, idéias coletivas que orientam a ação dos sujeitos, não são o resultado apenas da intersubjetividade dos diferentes atores mas, também, da força que o mundo espaço-temporal das estruturas, das organizações e dos objetos exercem sobre nossas idéias e ações. Isto é, a cultura realiza-se de forma plural. O que as pessoas pensam e como elas agem é resultado de múltiplas determinações. Tanto depende de relações intersubjetivas - a interação entre sujeitos - quanto das delimitações espaço-temporais que a nossa relação com as instituições, sua estrutura e organização e com o mundo dos objetos e das coisas, nos propicia. Como exemplo, observamos que as rerepresentações sobre o poder se constroem tanto nas interações com as “forças” policiais enquanto instituições, quanto nas instalações penitenciárias, assim como o sentimento religioso se reforça tanto ao receber a bênção de um padre como ao entrar numa igreja.

Vale ressaltar, no entanto, que quem dá significado às coisas são os sujeitos e, portanto, também o espaço físico e social são culturalmente estruturados pelos sujeitos. Estes espaços, que permanecem vivos na memória coletiva apesar da ausência dos homens que o fizeram, adquiriram um significado que transcende aos sujeitos, reafirmando cotidianamente novos sujeitos uma racionalidade própria, independente dos mesmos. Esta

³ Uma série de reformas impostas pelo MEC e o Governo Federal podem alterar significativamente a estrutura da ETFSC. Muito já foi posto em prática, entretanto esse artigo foi escrito a partir de questionários elaborados e aplicados antes destas transformações, ficando estas fora de análise no momento. Entretanto, é, acredito ser possíveis utilizar a mesma estrutura de análise para o “Novo Ensino Médio” e o “Novo Ensino Técnico”.

racionalidade própria é transmitida de sujeito para sujeito nas idéias coletivas, sendo que, estas reações, não mais partem exclusivamente destes agentes sociais, mas sim e também, do espaço físico e social em questão. Estas instituições sobrevivem aos sujeitos que as criaram. É evidente que existe um processo de significação, ressignificação e transformação, porém o espaço físico é parte integrante deste processo. A escola é um bom exemplo desta afirmação.

Bourdieu (1997a), ao relacionar os espaços físicos aos espaços sociais, afirma que os corpos, tanto dos sujeitos quanto dos objetos, estão situados em um lugar, sendo o lugar, um ponto do espaço físico onde um sujeito ou um objeto se encontram. O lugar, quando ocupado, *“pode ser definido como a extensão, a superfície e o volume que um indivíduo ou uma coisa ocupa no espaço físico, suas dimensões (...) O espaço físico é definido como a exterioridade mútua das partes (Bourdieu, 1997a:160).*

Estas exterioridades mútuas ganham significado na medida em que se relacionam com o espaço social que é constituído por agentes sociais e se define *“pela exclusão mútua das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais”*(Bourdieu, 1997a :160). A posição relativa em relação aos diferentes agentes (acima, abaixo, entre, etc.) é que vai caracterizar o espaço social dos mesmos. O que é importante aqui, é que o espaço social também se manifesta em estruturas de espaço físico. Em síntese, afirma Bourdieu (1997a: 161):

“O espaço social reificado (isto é fisicamente realizado ou objetivado) se apresenta, assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens e serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados (enquanto corpos ligados a um lugar permanente) e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e serviços mais ou menos importantes. (...) É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço social reificado”

Estes espaços sociais, objetivados em espaços físicos, são progressivamente incorporados em estruturas mentais a sistemas de preferências. Estruturas e sistemas que manifestam-se através de representações que tipificam e relacionam espaço físico e social, tais como: centro (rico e bom)/periferia (pobre e ruim), Escola Técnica Federal (rica e boa)/escolas municipais (pobres e ruins) e etc. Acontece que para Bourdieu (1997a: 160)

“não há espaço, numa sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima hierarquias e as distâncias sociais”

Bourdieu (1997b) afirma que se organiza o espaço social de acordo com as duas espécies mais importantes e eficientes de capital, a saber: o capital econômico e o capital cultural, o que o autor chama de *“princípios de diferenciação”* (:19). As diferenciações configuram diferentes estilos de vida, funcionando o espaço social como espaço simbólico. As distinções aparecem concretamente nas práticas cotidianas dos agentes que compõem estes diferentes espaços. Os gostos por bebida, comida, roupas, diversão, praias e esporte são modelados de acordo com as possibilidades do capital econômico e os limites e vicissitudes do capital cultural. O próprio autor reconhece que apenas estes dois diferenciadores não são suficientes para organizar os espaços, pois questões étnicas, religiosas e nacionais, além de outros interesses são capazes de influenciar nesse processo.

Para Bourdieu (1997b), quanto mais próximos estiverem os agentes no espaço, maior deve ser a correspondência entre suas preferências e disposições, sendo o contrário também verdadeiro. Ou seja, quanto mais próximos do capital econômico ou cultural estiverem os sujeitos, maior a possibilidade de ter gostos e disposições comuns. A noção de espaço social, deste modo, possibilita apreender as características que unem um determinado grupo social em tomo dos diversos interesses, mas relativiza as afirmações quando reconhece a pluralidade de elementos que interferem nas representações sobre o mundo dos diferentes sujeitos.

Reafirmando a necessidade de conhecer a escola enquanto espaço social reificado, seu valor e reconhecimento enquanto instituição pública da e para a sociedade, cabe, ainda, lembrar que parto da idéia de que nem a leitura objetivista, nem tampouco o subjetivismo são capazes de dar conta da realidade. Neste ponto, creio eu, tanto Geertz (1989) quanto Bourdieu (1997b) estão de acordo. Retomo aqui Bourdieu, para quem o real é *relacional*. Para este autor, os agentes sociais têm uma percepção ativa do mundo, são sujeitos. Porém, esta percepção é vivida sob coações das estruturas, que são historicamente construídas. Na mesma perspectiva, Geertz (1989: 40) afirma ser necessário

“tentar resistir ao subjetivismo, de um lado, e ao cabalismo do outro, tentar manter a análise das formas simbólicas tão estreitamente ligadas quanto possível aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas, o mundo público da vida comum...” “está sempre presente o perigo de que a análise cultural perca o contato com a superfície dura da vida - com as realidades estratificadoras políticas e econômicas, dentro das quais os homens são reprimidos em todos os lugares - e com as necessidades biológicas e físicas sobre os quais repousam estas superfícies”.

3. ETFSC - espaço social e projeto:

Compreendida a complexidade da escola enquanto espaço físico e social, passaremos agora a analisar quais as características socioeconômicas do elevado número de pessoas que procura a ETFSC para realizar seus projetos - o que pode nos fornecer pistas sobre a cultura vivida desses sujeitos. Reconheço, entretanto, as dificuldades, intrínsecas de, a partir de uma sociedade complexa, e particularmente numa escola com mais de 5.000 alunos, conseguir caracterizar sua população sob o ponto de vista sócio-cultural. Para tal tarefa todavia, recorro a um amplo questionário desenvolvido pela escola quando da realização do teste de seleção para ingresso dos novos alunos nos diferentes cursos oferecidos e que nos ajudará a encontrar as respostas pretendidas.

O referido questionário tem, na sua última versão, 52 questões do tipo “objetiva”, das quais escolhi 17 como fonte de informações para o objetivo proposto: a caracterização do universo sócio-cultural dos alunos. A razão da escolha prende-se, primeiro, ao fato de que eram estas as questões cujo conteúdo tinha vinculação mais direta com o objetivo em pauta e, em segundo lugar, porque algumas das perguntas não se repetiam nos diferentes semestres⁴, o que dificultaria o estudo estatístico.

⁴ Foram pesquisados questionários aplicados nos semestres de 1996/1, 1996/2, 1997/1, 1997/2 e 1998/1.

Por último e sobretudo, a escolha das questões acima referidas foi orientada para definir o “capital econômico” e o “capital cultural” disponível dos familiares a que pertencem os alunos da ETFSC, o que, conforme Bourdieu (1997b), permitirá demarcar um determinado segmento social. Para Bourdieu (1997b: 30)

“o espaço social organiza-se de acordo com três dimensões fundamentais: na primeira dimensão, os agentes se distribuem de acordo com o volante global do capital possuído, aí incluídos todos os tipos; na segunda, de acordo com a estrutura desse capital, isto é, de acordo com o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no conjunto de seu, patrimônio; na terceira, de acordo com a evolução, no tempo, do volume e da estrutura de seu capital. Dada a correspondência que se estabelece entre o espaço de posições ocupadas no espaço social e o espaço de disposições (ou de hábitos,) de seus ocupantes e também, por intermediações dessas últimas, o espaço de tomadas de posições, o modelo funciona como princípio de classificação adequado: as classes⁵ que podemos produzir recortando as regiões do espaço social agrupam agentes tão homogêneos quanto possível, não apenas do ponto de vista, de suas condições de existência, mas também do ponto de vista de suas práticas culturais, de consumo, de suas opiniões políticas etc”.

Deste modo, o questionário apresenta perguntas que giram em torno de questões sobre a renda familiar, o número de pessoas que compõe a família, a escolaridade dos pais. o motivo da escolha da ETFSC como escola para realização do segundo grau, além dos diversos interesses dos alunos que, em conjunto com as demais informações, são importantes para a configuração de um segmento social e uma condição para a sua caracterização.

Segundo a questão 15 do questionário que trata de saber qual a renda familiar, aproximadamente 54% dos alunos vivem em famílias com renda entre 5 e 15 salários mínimos. Cerca de 26% têm renda inferior a 5 salários, enquanto os outros 20% pertencem a famílias com renda superior a quinze salários mínimos. Pode-se verificar que a média de renda das famílias às quais pertencem os alunos em pauta fica entre 7 e 10 salários mínimos. Definir um nicho cultural no espaço social a partir do nível de renda, porém, não parece ser possível. Não que o nível de renda não exerça influência e colabore na estruturação das representações sobre o mundo, mas é preciso ter claro que o mesmo nível de renda pode ocorrer nos grandes centros urbanos, nas pequenas cidades ou no campo, com pessoas em idades diferentes e diferentes níveis de instrução, entre muitas outras variáveis possíveis. Assim, novas questões precisam ser somadas.

⁵ Apesar da dificuldade do conceito de classe, apresentada pelo próprio Bourdieu (1997) ao formular a idéia dos “campos”. utilizarei este termo com base nas idéias de Velho (1997) quando este autor formula a noção de “projeto”.

A questão da renda, relacionada ao número de pessoas da família que residem na mesma casa, pode nos dar uma, aproximação das condições em que vivem esses alunos. As respostas dadas á pergunta 10, que trata desse assunto, ajudam a caracterizar as famílias dos alunos como sendo nucleares urbanas (Velho, 1987) pois, 63% das famílias são compostas por 4 ou 5 membros, sendo 15% com 3 pessoas a 13,66% com 6 ou mais indivíduos.

Associado a este quadro temos as questões 11 e 12 referentes á profissão dos pais e mães. Cerca de 44% dos pais trabalham por conta própria ou em empresas particulares, enquanto cm torno de 27% em empresas públicas ou de economia mista. Os demais dividem-se entre agricultores, aposentados, militares, etc. Os dados sobre as mães apresentam um equilíbrio percentual interessante. O número de mulheres que trabalha por conta própria ou em empresas privadas é praticamente o mesmo das que estão no serviço público ou em empresas mistas (cerca de 22%) e ambos somados estão próximos das que são “donas de casa”, aproximadamente 40%⁶. O índice de desemprego é baixo se comparado á média nacional, que aumentou significativamente nos últimos anos, perfazendo um total de 2,6% para os homens e 2,16% para as mulheres.

O nível de formação destes profissionais é, conforme as questões 8 e 9 - tanto país quanto mães - de modo geral, aproximadamente e em média: 20% o primário completo; 8% o primeiro grau incompleto; 9% o primeiro grau completo; 7% o segundo grau incompleto; 22% o segundo grau completo; 8% nível superior incompleto e; 20% nível superior completo⁷. Se considerarmos o padrão nacional de educação, com o número de analfabetos e analfabetos funcionais, observamos que 50% dos pais apresentam boa formação escolar, e isto deve gerar uma expectativa sobre a realização escolar dos filhos. Infelizmente, não temos informações sobre o tipo de trabalho realizado por estes pais. Todavia, os dados sobre renda familiar e escolaridade (“capital econômico” e “capital cultural”) são, em conjunto com outras informações, dados essenciais ao que se propõe aqui. Os alunos são, na sua quase totalidade, adolescentes, sendo que aproximadamente 50% deles entram na escola com idade entre 14 e 13 anos. Quanto ao gênero, em tomo de 75% são do sexo masculino e o restante do sexo feminino. Associado a estas questões, temos que 77% dos alunos nasceram em Santa Catarina⁸, sendo que cerca de 80% residem na Grande Florianópolis: 57% na capital.

Uma síntese possível, mesmo com as limitações advindas das poucas informações, nos dá a orientação inicial de que a população - alunos regularmente matriculados na ETFSC - é formada por adolescentes do que se costuma chamar de classe média urbanizada, embora de extratos mais baixos, que integram famílias nucleares de aproximadamente 4 pessoas, residentes na Grande Florianópolis. O fato destes alunos estudarem em uma escola pública parece estar associado às necessidades econômicas, haja vista os dados já mencionados.

⁶ Como apenas na questão feminina consta à opção “do lar”, parece evidente a percepção de mundo machista que permeia o universo de quem formulou o questionário - ao que parece, na sua maioria, mulheres.

⁷ A reforma do ensino modificou o nome das diferentes fases por que passam os alunos até completarem seus estudos em nível de terceiro grau. Mantenho, porém, durante todo o trabalho o nome dado a estas fases pelos elaboradores do questionário e que, de modo geral, ainda são utilizados no cotidiano.

⁸ A Grande Florianópolis é formada por diferentes municípios vizinhos á capital ,destacando-se: São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro entre outros.

Para reforçar esta idéia, temos a questão 17, que trata da origem escolar dos ingressos na ETFSC. Pode-se constatar que 46,66% dos alunos cursaram o ensino fundamental na escola pública e mais 16, 50% passaram a maior parte de seu tempo nestas escolas. Do restante, 24,12% estiveram durante todo o ensino fundamental na escola particular e 11,72% dividiram o tempo entre a escola privada e a pública com predominância para a primeira. Com a média salarial dos pais, somado ao número de pessoas por família, é pouco provável que se possa almejar o ensino em escola particular. Esse pode ser um dos motivos pelos quais os alunos “optam” por estudar na ETFSC. Mesmo com a constante pressão sobre o ensino público e a propaganda nefasta sobre o que é público, a Escola ainda parece ser a melhor alternativa em termos de ensino.

A questão 28, que trata de investigar quem mais influenciou o aluno a optar pela escola, mostra claramente o círculo de relações familiares e de proximidades em que os sujeitos estão envolvidos. Caracterizada pela família nuclear, como vimos anteriormente, os alunos de “classe média” sofrem importante influência dos pais na decisão do seu futuro e de modo geral a aceitam como válida. Isto se confirma quando temos que 39,09% dos pais influenciaram na decisão da escolha pela escola. Somado a outros parentes (5,82%) aos amigos (12,53%), este item revela quão importante é o mundo afetivo que envolve estes adolescentes. Conforme Velho (1987), estes círculos de amizade e parentesco parecem ser característicos da classe média urbanizada, que no processo de individuação e formação de seus núcleos ainda guarda contato importante com os parentes próximos e cria fortes laços de amizades, que lhes ajudam a conquistar identidade e prestígio, o que não é diferente na adolescência. A mídia revela-se muito menos importante do que o conjunto das relações sociais de proximidade (10,73%), enquanto a soma dos profissionais especializados, professores e orientadores educacionais, é mais insignificante (somados aproximam-se de 4%) para escolha desta instituição de ensino como opção de educação.

Estes dados corroboram com a idéia de que a ETFSC goza de imenso prestígio no meio social, pois, mesmo com um papel insignificante da mídia, a escola consegue preencher seus quadros de alunos com extrema facilidade, inclusive com muita concorrência. O prestígio da escola está vinculado aos excelentes resultados na formação do profissional técnico, um ensino propedêutico respeitável e, não menos importante, uma estrutura física e organizacional só encontrada em escolas particulares. Comparada às escolas públicas estaduais e municipais, a ETFSC tem uma área física significativamente superior professores com boa formação acadêmica (muitos com mestrado e alguns com doutorado) e nível salarial melhor, apesar de, como funcionários públicos federais, não receberem aumento salarial desde 1995. Além disso, apresenta equipamentos e material didático que as escolas públicas das esferas estadual e municipal dificilmente têm acesso.

Por outro lado, é sabido, o desempenho positivo que os alunos da ETFSC têm no vestibular - comparado as outras escolas públicas—, mesmo não sendo o objetivo da escola, assim como as boas possibilidades profissionais dos técnicos ali formados. Tudo isso somado, mais a tendência no imaginário social de achar que o que é central é melhor do que o que é periférico⁹ - a ETFSC fica no centro da cidade de Florianópolis - podem interferir na opção dos alunos em estudar nesta instituição.

A noção de ‘projeto’ utilizada por Velho (1987: 26) parece importante neste momento. Podemos entender que os projetos são “*elaborados e construídos em função das*

⁹ Sobre a ocupação do espaço e suas representações ver Bourdieu (1997) e Velho (1997).

experiências socioculturais, de um código, de vivências e interações interpretadas”, constituindo-se em ações conscientes. Estes projetos são definidos dentro de um *campo de possibilidades*, formulados em virtudes de condições históricas e culturais, e postos em prática também sob estas condições. Deste modo, existe um relativo controle dos projetos, que por um lado são frutos de ações conscientes — subjetivas - mas que, por outro, também são limitados por este *campo de possibilidades*, que são espaços de atuação circunscritos às possibilidades historicamente construídas em termos socioculturais, econômicas, etc. Existe assim, dentro do quadro anteriormente traçado através das questões levantadas, uma série de representações vinculadas a este *campo de possibilidades* que colaboram para levar estes alunos para a ETFSC. A importância contemporânea dada ao conhecimento, que apresenta sua melhor organização na escola, as crescentes exigências do mundo do trabalho, somadas à preocupação familiar com o futuro dos filhos parecem empurrar os adolescentes para a Escola Técnica em busca destas realizações. Na medida em que a escola pública há muito perdeu seu prestígio educacional, a ETFSC ainda consegue destacar-se no cenário da educação - característica geral das Instituições Federais de Ensino.

A questão 29 pergunta: “Qual fator que mais o influenciou na escolha da ETFSC?” Mais de 50% dos alunos respondeu que a Escola apresenta o “melhor” curso pretendido contra aproximadamente 25% que respondeu apenas que é a única escola que oferece este curso. Parece estar presente, dentro das condições de possibilidade destas famílias, a busca do “melhor”, a expectativa de um futuro promissor.

Velho (1987) identifica nas famílias das camadas médias uma necessidade de se diferenciar, e a maneira mais eficiente de se alcançar este projeto é através da ascensão social. Para isto, vale o esforço de entrar numa escola cujo reconhecimento é histórico e por ser pública, se aproximar do campo de possibilidades em que a família de classe média está imersa. A Escola, para manter sua qualidade, seleciona os melhores através de uma prova, participando ativamente do estressante processo de exclusão e inclusão a que, de modo geral, estamos todos sujeitos, interferindo na realização ou não dos projetos firmados pelas diferentes famílias. Estes projetos, conforme a questão 34, que pergunta os motivos que levou a escolha do ensino profissionalizante, podem ser resumidos em três aspectos centrais: satisfação pessoal, estabilidade econômica e de emprego, e a continuidade dos estudos, visando as duas anteriores. Os alunos, 44,72% deles, optaram pelo curso profissionalizante por este se adequar melhor às suas aptidões e interesses; 18,44% porque podem continuar seus estudos na área 11,54% pela facilidade de se obter emprego; e 9,24% porque o curso escolhido oferece possibilidade de boa situação econômica. A aposta no futuro estável e satisfatório parece orientar as opções escolares, ainda dentro do *campo de possibilidades*, haja vista que apenas 1,94% acreditam que poderão obter grande prestígio econômico e social. Este reconhecimento, explicita o caráter consciente e limitado do projeto. Os pais, cujo grau de escolaridade é razoável, baseado na expectativa de poder dar um futuro “melhor” para os filhos, jogam suas esperanças na educação profissionalizante, educação esta que pode responder pelos anseios destes jovens, tanto no futuro mais imediato - ao se formarem técnico - quanto no futuro distante - se continuarem seus estudos em nível de terceiro grau.

A questão 35, que pergunta sobre o que os alunos esperam do curso técnico pelo qual optaram, apresenta 75,52% destes com expectativa de obter formação profissional para futuro emprego e apenas 7,71% esperam formação necessária para realizar vestibular. Entretanto, o fato de ter como expectativa adquirir conhecimento para o trabalho, não se limita, necessariamente, ao objetivo de ser um profissional técnico, na medida em que,

mesmo que a escola não prepare para o vestibular, a formação técnica pode colaborar para o futuro engenheiro — o que é muito comum acontecer.

Estas questões, que envolvem objetivo futuro calcado nas possibilidades da Escola, entretanto, devem ser observadas com muita cautela, haja vista que, como o objetivo da escola é formar técnicos de nível médio e este questionário é realizado no teste de seleção, os alunos podem sentir-se pressionados a responder o que a Escola deseja - que os alunos queiram tornar-se técnicos-, decorrente do medo de que, no se enquadrando nos parâmetros traçados pelos cursos, sejam eliminados da concorrência por uma das vagas.

Dentre outros indícios de que a Escola em pauta contribui para reproduzir o espaço social de onde provém seus alunos, gostaria de destacar dois deles. Em primeiro lugar, podemos observar o reduzido número de negros que freqüentam a escola. Não é necessário fazer um grande esforço para constatar que a maioria dos afro-brasileiros estão historicamente alijados da plena cidadania, relegados aos guetos miseráveis da sociedade brasileira. Como segundo aspecto, temos, em comparação com outras escolas e com a sociedade de modo geral, um pequeno número de mulheres estudando na ETFSC. Isto, em primeira análise, pode dever-se ao fato de que os cursos oferecidos estão diretamente ligados o mundo masculino, o que fica mais evidente quando se observa, por exemplo, o curso de Mecânica - prática profissional destacadamente masculina - , onde o percentual de mulheres é ainda menor.

4. Considerações Finais:

Mesmo tendo que relativizar as informações obtidas e as generalizações elaboradas a partir desses dados, entendo que parece ser possível obter pistas mais ou menos consistentes a respeito da caracterização do espaço social dos alunos que buscam a ETFSC para realizarem seus projetos. Se, por um lado, a Escola pouco serve às classes altas, que preferem seus filhos nas “boas” escolas particulares da região, ela também pouco serve às camadas mais pobres, pois estas têm reduzidas possibilidades de ingressar nos cursos da Escola devido á fraca formação escolar adquirida no ensino fundamental e á dificuldade do teste de seleção aplicado pelo Sistema Federal de Ensino em algumas escolas técnicas. Isto se comprova empiricamente e tem suporte no próprio histórico da escola: das oficinas para treinamento de adolescentes carentes do início do século, ao internato dos anos 60 que servia aos estudante pobres do interior do Estado, á invasão da classe média nos anos 70 (Gariglio, 1997) devido á expansão industrial, a Escola tem feito o trajeto rumo á elitização de seus quadros de alunos, seja por sua competência escolar ou por suas condições financeiras. De modo especial, a ETFSC atende a familiares da Grande Florianópolis, cujo projeto de busca do melhor para os filhos, passa por uma educação eficiente, que consiga, dentro do contexto geral das dificuldades por que passa esta camada média, produzir efeitos positivos na realização do futuro emprego, da estabilidade econômica e, no mínimo, da manutenção das suas condições de vida.

Por fim, a democratização do ensino, para além dos aspectos econômicos e sociais que a questão enseja, passa também pela análise e transformação das representações que os diferentes indivíduos formulam e reformulam de acordo com os espaços que ocupam. A seleção que parece ser realizada apenas por mérito, através do teste de conhecimento, envolve questões sociais, econômicas e culturais que fazem parte de todo o contexto ao

qual os alunos estão vinculados e que, segundo Bourdieu (1997b), a escola tende a reproduzir.

Tentei demonstrar que “o capital cultural” e o “capital econômico” dos alunos e seus familiares estruturam seus projetos de vida, e que as representações sobre a ETFSC estão incluídas nas suas formulações gerais sobre educação e vida. Seus estilos de vida e suas propensões ao estudo estão intimamente relacionadas com a estrutura de capital das suas famílias. Vale sempre lembrar, por fim, que para além da “meritocracia” estabelecida para o acesso às escolas, que individualiza e biologiza (pois os mais aptos e inteligentes obtêm sucesso) é preciso pensar a educação e os educandos em termos socioculturais, como sujeitos históricos que vivem — ou sobrevivem — em nossa sociedade, e que estão sujeitos às diversas imposições socioeconômicas e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico -2. Ed. - Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 1998.

_____. A Miséria do Mundo. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997a.

_____. Pierre Bourdieu. São Paulo (SP): Ática, 1994 - Coleção Sociologia.

_____ Razões Práticas: Sobre a teoria da ação. Campinas (SP): Papyrus, 1997b.

FOUCAULT Michel. Vigiar a Punir. Petrópolis (RJ): Vozes. 1997.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 1989.

VELHO, Gilberto. Individualismo a Cultura: Notas para uma sociologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed. 1987.

_____. Projeto a Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 1994.